

O PROCESSO DE ORGANIZAÇÃO INTERTÓPICA EM EDITORIAIS DO JORNAL *O ESTADO DE S. PAULO* PUBLICADOS NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX

Eduardo Penhavel¹

RESUMO: Inserido no âmbito do *Projeto para a História do Português Brasileiro* (PHPB) e, mais especificamente, do *Projeto de História do Português Paulista* (PHPP), o presente trabalho tem o objetivo de descrever o processo de organização intertópica em editoriais do jornal *O Estado de S. Paulo* publicados na primeira metade do século XX. O quadro teórico-metodológico adotado é o da Gramática Textual-Interativa (GTI), e os editoriais analisados são extraídos do corpus do PHPP. Os resultados apresentados indicam que o material analisado caracteriza-se pelo traço da complexidade intertópica, pela predominância da construção de textos com quatro Subtópicos Mínimos e um Quadro Tópico e pelo emprego exclusivo da estratégia de continuidade tópica.

PALAVRAS-CHAVE: Organização tópica; Tópico discursivo; Coesão textual.

ABSTRACT: This paper presents results of a research that is part of an interinstitutional research project named *Projeto de História do Português Paulista* (PHPP), *Project for the History of Brazilian Portuguese Spoken in the State of São Paulo*, which by its turn is part of a broader project titled *Projeto para a História do Português Brasileiro* (PHPB), *Project for the History of Brazilian Portuguese*. Specifically, the purpose of this paper is to describe the process of intertopic organization of editorials published in the newspaper *O Estado de S. Paulo* in the first half of the 20th century. The theoretical framework adopted is that of Textual-Interactive Grammar, and the material under analysis is composed by a group of editorials selected from the corpus organized in the context of PHPP. The results suggest that these editorials are characterized by (i) intertopic complexity, (ii) predominance of text configuration with four minimal subtopics and one topic complex and (iii) exclusive use of continuity as strategy of topic sequencing.

KEYWORDS: Topic organization; Discourse topic; Text Cohesion.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este trabalho insere-se no âmbito do *Projeto para a História do Português Brasileiro* (PHPB – CASTILHO, 2018), um projeto de pesquisa interinstitucional que vem sendo desenvolvido no Brasil desde os anos de 1990. Esse projeto compreende a análise diacrônica de diversos fenômenos linguísticos, conforme seu desenvolvimento em diferentes estados do país, abarcando, assim, dentre outros, o *Projeto de História do Português Paulista* (PHPP – ALMEIDA, 2017). No âmbito de ambos os projetos, vêm sendo desenvolvidas pesquisas sobre a diacronia de processos de construção textual, considerando-se processos reconhecidos e sistematizados pela Gramática Textual-Interativa (GTI – JUBRAN; KOCH, 2006;

¹ Doutor em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Docente da Universidade Estadual Paulista (UNESP), câmpus de São José do Rio Preto, SP, Brasil. E-mail: eduardo.penhavel@unesp.br.

JUBRAN, 2007). Em tais pesquisas, a diacronia de um dado processo é sempre examinada como parte da evolução histórica de determinado gênero textual. Essa frente de investigação inclui, no domínio do PHPP, o estudo da diacronia da organização tópica (um dos processos textuais distinguidos pela GTI) na esfera da história de editoriais de jornais paulistas.

O presente trabalho filia-se a esse último estudo. Nosso objetivo é descrever o processo de organização intertópica (um dos níveis de funcionamento da organização tópica) em editoriais do jornal *O Estado de S. Paulo* publicados na primeira metade do século XX (um dos recortes sincrônicos previstos tanto pelo PHPP, quanto pelo PHPB). A esse respeito, o propósito é oferecer resultados que possam ser comparados aos de trabalhos sobre outras sincronias, contribuindo para a descrição da diacronia da organização tópica em editoriais e, enfim, para o traçado da história do português paulista e do português brasileiro.

Na seção 1 a seguir, sintetizamos a GTI, quadro teórico-metodológico central em que se insere nosso trabalho, assim como as características principais da organização tópica, processo mais geral aqui em pauta, e da organização intertópica, processo particular sob análise. Na seção 2, explicamos os procedimentos metodológicos específicos adotados em nossa pesquisa e procedemos à descrição da organização intertópica dos editoriais. Na última seção, elaboramos as considerações finais.

1. A GTIE O PROCESSO DE ORGANIZAÇÃO TÓPICA

A GTI é uma vertente da Linguística Textual. É um quadro teórico-metodológico que, conforme explica Jubran (2006a, 2007), fundamenta-se na concepção de linguagem como interação social, como forma de ação verbal. Segundo a autora, os interlocutores, por meio da linguagem, realizam tarefas comunicativas de troca de representações, executam metas, manipulam interesses, sempre no contexto de um espaço discursivo orientado para os parceiros da comunicação, isto é, num contexto em que os interlocutores se situam reciprocamente, em função de suas visões mútuas sobre papéis sociais, conhecimentos de mundo, atitudes, propósitos e reações assumidas no intercâmbio linguístico.

Alinhada a essa visão dialógica de linguagem, a GTI concebe o texto, seu objeto de estudo, como uma combinação de enunciados interacionalmente significativa, um complexo de enunciados cujo processamento (construção e interpretação) constitui uma “atividade sócio-comunicativa, que mobiliza um conjunto de conhecimentos não só de ordem lingüístico-textual, como também interacional, a respeito do jogo de atuação comunicativa que se realiza pela linguagem” (JUBRAN, 2007, p. 313).

Como desdobramento das noções de língua e de texto que assume, a GTI estabelece uma série de princípios teórico-metodológicos para estudo do texto, especificamente para estudo de *processos de construção textual*. Um primeiro princípio é o de que os processos textuais têm suas propriedades e funções definidas no uso, nas situações concretas de interlocução. Trata-se da percepção de que o funcionamento específico e completo desses processos depende do contexto particular em que ocorrem.

Na mesma direção desse primeiro princípio, os trabalhos na GTI vêm assumindo (e atestando empiricamente) que os processos de construção de textos estão associados aos gêneros textuais (cf. JUBRAN, 2010; PENHAVEL, 2017), isto é, manifestariam determinados padrões de implementação de acordo com os gêneros. A partir da visão pragmática de língua e de texto como forma de ação e particularmente a partir do reconhecimento da influência do contexto, concebe-se que os diversos processos de construção textual se configurariam, em suas ocorrências concretas, em função das ações realizadas pelos textos. Admitindo ainda que os gêneros textuais seriam o domínio de funcionamento da linguagem que congrega as ações particulares realizadas por meio dos textos, chega-se ao entendimento de que os processos textuais são dependentes dos gêneros.²

A partir dessa orientação, concebe-se não só que os processos textuais podem variar de um gênero para outro, mas também que podem variar, no âmbito de um mesmo gênero, de um período histórico para outro. Assim, prevê-se que cada estudo de um dado processo, tanto em perspectiva sincrônica, quanto diacrônica, seja sempre situado no contexto de algum gênero. Isso significa, no caso da segunda perspectiva, que a diacronia de um processo selecionado para estudo deve sempre ser identificada no interior da evolução histórica de um dado gênero. Aí reside um pressuposto fundamental da abordagem diacrônica de processos de construção textual desenvolvida junto ao PHPB e ao PHPP, pressuposto também assumido no presente trabalho, ao delimitarmos a análise da organização tópica à esfera de um dado gênero.³

² Aqui, bem como na GTI de modo geral, sob uma perspectiva que, em última instância, remonta a Bakhtin (1992), os gêneros textuais são entendidos como espécies de texto relativamente estáveis, caracterizadas em termos de estrutura composicional, conteúdo, estilo e, sobretudo, finalidade sociocomunicativa (cf. MARCUSCHI, 2008).

³ Na abordagem diacrônica de processos textuais filiada ao PHPB e ao PHPP, os pressupostos da GTI são complementados mediante sua articulação com fundamentos da área de estudos sobre Tradições Discursivas, área propriamente especializada no tratamento diacrônico de fenômenos linguísticos. O principal ponto dessa articulação é arquitetado justamente recorrendo-se aos gêneros textuais, concebidos, na referida área, como um a modalidade de Tradição Discursiva. No presente artigo, como não focalizamos a comparação diacrônica, optamos por não incluir a discussão do modelo das Tradições Discursivas, reservando essa tarefa para trabalhos que, comparando a outros os dados aqui fornecidos, empenhem-se especificamente na análise diacrônica. Para uma introdução ao estudo das Tradições Discursivas, cf., dentre outros, Kabatek (2005); e para uma introdução à articulação entre essa área e os fundamentos da GTI, cf. Penhavel (2017).

Outro princípio central da GTI é a compreensão de que os fatores interacionais envolvidos no intercâmbio verbal são constitutivos do texto e inerentes à expressão linguística. Considera-se que as condições enunciativas que sustentam a ação verbal mostram-se no próprio texto, por meio de escolhas comunicativamente adequadas à situação interativa. Entende-se que, enquanto realização efetiva da atividade interacional, o texto emerge de um jogo de atuação comunicativa, que se projeta em sua superfície (JUBRAN, 2007).

Esse princípio é fundamental na GTI, ao contribuir para sustentar a admissão de sistematicidade no processo de construção de textos. Como explica Jubran (2007), a atividade enunciativa deixa, na superfície textual, marcas do processamento do texto pelos interlocutores, as quais possibilitam ao analista a apreensão de regularidades na construção textual. Em nossa análise, para apreensão da estrutura intertópica de cada editorial, observamos, dentre outros recursos, padrões de escolhas lexicais em diferentes partes do texto. A partir, principalmente, de tais escolhas, expressas na superfície textual e indicativas da organização intertópica de cada texto, chegamos a regularidades do gênero em análise.

Ainda no que diz respeito à apreensão de regularidades na construção textual, Jubran (2007, p. 316) propõe que sejam contabilizados, na análise linguística, fatores responsáveis não só pelo “caráter determinístico (restrições)”, mas também pelo caráter “probabilístico (escolhas facultadas ao falante)” das expressões produzidas na fala. Na esteira dessa concepção, em nosso método de análise intertópica (ver seção abaixo), adotamos a descrição dos procedimentos intertópicos não só em termos da identificação da ocorrência categórica de um processo no material analisado, mas também em termos da apuração de tendências, o que computamos por meio do levantamento de frequências de uso no material de investigação.

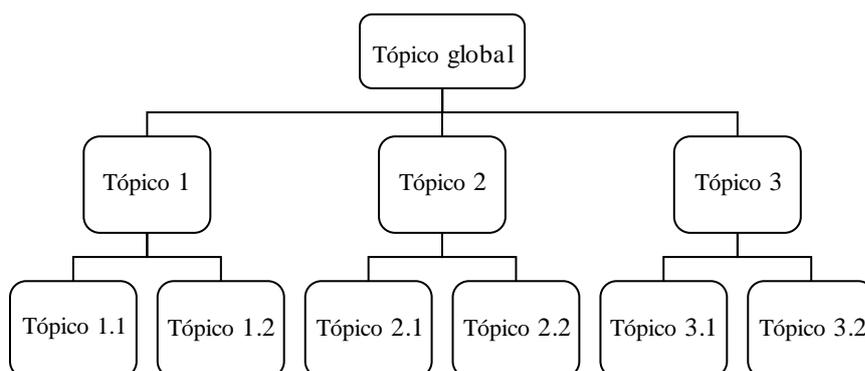
Incorporando esses princípios em sua base teórico-metodológica (junto a outros, não diretamente relevantes neste trabalho), a GTI assume o texto como objeto de estudo, focalizando a análise de processos de construção textual, dentre os quais a organização tópica.

Na GTI, como se pode depreender dos estudos fundantes sobre organização tópica, o conceito de *tópico* (ou *tópico discursivo*) assenta-se na ideia de que, em um texto, além dos diferentes atos de referência individuais realizados pelas diversas expressões referenciais materialmente presentes nos enunciados, a construção dos enunciados envolve também outra forma (ou domínio) de referência. Cada enunciado, ou por alguma(s) de suas expressões referenciais concretas ou a partir de uma significação resultante da relação entre suas partes, remete, de forma direta ou indireta, a um referente geral, comum ao texto todo, reconhecível por uma abstração interpretativa dos interlocutores (e do analista). Esse referente comum e

geral constitui o que se considera como o tópico, ou tema, do texto. Similarmente, os enunciados do texto podem dividir-se em grupos, de modo que os enunciados de cada grupo compartilhem também um referente geral – o tópico/tema desse grupo. Ou seja, na GTI, um tópico/tema pode ser entendido como um referente geral, comum a um grupo de enunciados.⁴

Com base nessa visão, a organização tópica é concebida como a estruturação do texto em (sub)partes tópicas. Caracteriza-se por duas propriedades: *organicidade* e *centração* (JUBRAN, 2006b). A primeira compreende os processos de *hierarquização* e *linearização*. A hierarquização é a configuração do texto conforme uma rede de tópicos hierarquicamente inter-relacionados, como se pode visualizar na Figura 1, pela representação de um texto hipotético composto por um tópico global, que abrangeria três tópicos mais específicos, cada um dos quais constituído por dois tópicos ainda mais específicos:

Figura 1: Representação da hierarquização tópica de um texto hipotético.



Em relação à hierarquização, Jubran (2006b) define os conceitos de *supertópico* (ST), *subtópico* (SbT) e *quadro tópico* (QT). A noção de ST aplica-se a todo tópico que abrange outros mais específicos, enquanto o SbT é todo tópico subordinado a um mais amplo. ST e SbT são, pois, noções relacionais, isto é, o estatuto de um tópico como ST ou SbT depende do nível hierárquico em questão, podendo um tópico ser tanto ST, quanto SbT. Na Figura 1, o tópico global é ST dos tópicos 1, 2 e 3, e esses três são SbTs do tópico global. Ao mesmo tempo, cada um dos tópicos 1, 2 e 3 é ST de outros dois tópicos mais específicos, seus SbTs. Um QT é um domínio de organização tópica que envolve um ST e seus respectivos SbTs. Na Figura, quatro QTs podem ser distinguidos: (i) o tópico global e os tópicos 1, 2 e 3; (ii) o tópico 1 e seus SbTs 1.1 e 1.2; (iii) o tópico 2 e seus dois SbTs; (iv) o tópico 3 e seus dois

⁴ Na GTI, em consonância com os estudos de Linguística Textual de orientação sociocognitivista e interacionista, os *referentes* não são entendidos simplesmente como *objetos do mundo*, preexistentes ao texto, mas são tomados como *objetos de discurso*, entidades (re)construídas interacionalmente no próprio texto. A esse respeito, cf. Koch (2004).

SbTs. Neste trabalho, adotamos ainda o termo *tópico global* para o tópico maior de um texto e, seguindo Hanisch (2019), usamos também o termo *subtópico mínimo* (SbT mínimo) para os SbTs mais específicos de um texto, não divisíveis em outros mais específicos.

Já a *centração* refere-se à construção de grupos de enunciados que desenvolvem os tópicos do texto. É a propriedade que um texto apresenta de conter, para cada tópico da hierarquização, um conjunto de enunciados semanticamente concernentes entre si e que focalizam esse tópico num dado segmento textual. Engloba, assim, três traços que, com base em Jubran (2006b), podem ser assim entendidos: (i) *concernência*: relação de interdependência semântica entre um conjunto de enunciados – implicativa, associativa, exemplificativa, ou de outra ordem; (ii) *relevância*: convergência desses enunciados para a focalização de um tópico comum; (iii) *pontualização*: reunião desses enunciados num momento particular do texto. Cada grupo de enunciados que desenvolve um tópico constitui uma unidade denominada por Jubran (2006b) de *segmento tópico*.

Finalmente, a *linearização tópica* (a outra parte da organicidade), diz respeito à ordenação sequencial em que os tópicos são desenvolvidos no texto, bem como ao caráter de completude ou incompletude do desenvolvimento dos tópicos. Especificamente, trata-se do encadeamento dos segmentos tópicos que desenvolvem os SbTs mínimos do texto. São distinguidas três formas de linearização: (i) continuidade; (ii) descontinuidade; (iii) outras formas de linearização (transição, superposição e movimento tópico).

A continuidade é o processo pelo qual um novo tópico começa a ser desenvolvido só após um desenvolvimento completo do tópico anterior. A descontinuidade decorre de uma perturbação da sequencialidade tópica e inclui a ruptura, a cisão (inserção e alternância) e a expansão tópica. A ruptura ocorre quando um tópico *A*, em andamento, é interrompido por um tópico *B*, que é completado, não sendo mais retomado o tópico *A*. A inserção verifica-se quando um tópico *A* é interrompido por um tópico *B* e, após tratamento completo de *B*, *A* volta a ser desenvolvido e é concluído, segundo um esquema *A B A*. Na alternância, um tópico *A* é interrompido por um tópico *B*, que é interrompido pela retomada de *A*, o qual é novamente interrompido por *B* e assim por diante, conforme um esquema de revezamento *A B A B*. A expansão é o procedimento pelo qual um referente evocado de modo secundário num ponto do texto é, mais tardiamente, focalizado e abordado de modo a constituir um tópico.

Já a transição é o processo pelo qual um tópico promove a transição entre outros dois. A superposição verifica-se quando, enquanto um falante ainda desenvolve um tópico, seu interlocutor introduz outro, havendo coocorrência dos tópicos em certo ponto do texto. O

movimento, por sua vez, é o processo pelo qual os interlocutores realizam um “deslizamento” (JUBRAN, 2006b, p. 108) de um para outro aspecto de um tópico, a fim de ocasionar um novo conjunto de referentes e, assim, um novo tópico, o que pode gerar um QT.

Como mencionado, são distinguidos dois níveis de organização tópica: o *intertópico*, que é o relacionamento *entre* tópicos, e o *intratópico*, a combinação de (grupos de) enunciados *dentro* dos segmentos que desenvolvem os SbTs mínimos do texto. O presente trabalho incide sobre o primeiro desses níveis.

Para nossa análise, como se poderá ver, é relevante reconhecer que a organicidade e a contração são propriedades gerais, subjacentes, conforme os mesmos traços definidores, a qualquer texto, mas são propriedades que, a cada texto (e a cada gênero), são materializadas de modo particular. No nível intertópico, como especificamos adiante, um texto pode ser construído de modo a conter um tópico ou mais de um. Neste segundo caso, textos podem diferenciar-se entre si, dentre outros fatores, por exibirem quantidades diferentes de níveis hierárquicos, formando diferentes números de QTs. Ainda, podem distinguir-se por usarem diferentes estratégias de linearização. Na seção seguinte, levamos em conta essas diferentes possibilidades de implementação intertópica para caracterizar os editoriais analisados.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E ANÁLISE DE EDITORIAIS

Na pesquisa que resultou no presente artigo, analisamos editoriais da primeira metade do século XX coletados, no âmbito do PHPP, pela equipe responsável pelo estudo diacrônico de processos de construção textual. Relativamente a esse período, o grupo coletou editoriais do jornal *O Estado de S. Paulo*, tomado como um periódico tradicional do estado e, assim, apropriado ao estudo do português paulista. Foram coletados exemplares publicados entre 1923 e 1928, anos mais centrais dessa metade do século. A partir do material levantado, os pesquisadores organizaram um conjunto de 24 editoriais, definido como *córpus mínimo*, o qual foi o material estudado no presente trabalho (cf. ALMEIDA, 2017).⁵

Nessa coleta de editoriais, com base principalmente em Gomes (2007) e Zavan (2009), a equipe considerou o editorial como um gênero textual essencialmente argumentativo, que aborda temas de interesse coletivo de ordem social, política e/ou econômica, que veicula o

⁵ O *córpus mínimo*, embora reduzido em relação à totalidade de editoriais levantados pela equipe, contempla textos de uma diversidade considerável de anos, meses e dias, de modo a ser representativo dos editoriais publicados na época pelo jornal. O *córpus* reúne um editorial de cada um dos seguintes dias (com exceção do dia 20/09/1928, que conta com dois editoriais): 27/04/1923, 28/04/1923, 29/04/1923, 09/05/1923, 08/05/1924, 10/05/1924, 28/05/1924, 30/05/1924, 06/06/1925, 09/06/1925, 20/06/1925, 21/06/1925, 16/07/1926, 17/07/1926, 20/07/1926, 22/07/1926, 20/08/1927, 30/08/1927, 03/09/1927, 05/09/1927, 18/09/1928, 19/09/1928, 20/09/1928. Para maiores detalhes sobre o *córpus*, cf. Almeida (2017).
Cadernos da Fucamp, v.19, n.42, p.1-21/2020

posicionamento de um jornal ou revista e que é marcado pela ausência de assinatura de um autor particular – sendo essa também a concepção que assumimos aqui acerca do gênero.

Em nossa pesquisa, procedemos à análise do processo de organização intertópica do referido conjunto de 24 editoriais, com base nas propriedades de centração e organicidade, a fim de caracterizá-los em relação a esse processo. Para a caracterização intertópica, adotamos, em linhas gerais, procedimentos descritivos que temos formulado e empregado em trabalhos recentes, em parceria com colegas também dedicados a essa temática de pesquisa (cf. PENHAVEL; GUERRA, 2016; PENHAVEL, 2017; GARCIA, 2018; HANISCH, 2019).

Segundo esse método, um primeiro dado a ser descrito consiste em identificar se os textos em análise caracterizam-se pelo traço da *unicidade tópica* (quando um texto contém um único tópico) ou pelo traço da *complexidade intertópica* (quando o texto contém mais de um tópico), exclusiva ou predominantemente (nesse último caso, em termos de frequência). A esse respeito, apuramos que nosso material exhibe, exclusivamente, complexidade intertópica.

Embora a oposição entre esses dois traços possa, à primeira vista, talvez parecer simples, não deixa de ser uma primeira diferença fundamental entre textos e entre gêneros, em termos de organização tópica. Por exemplo, cartas de leitor – que juntamente com cartas de redator, editoriais e anúncios são os gêneros constituintes do *cópus mínimo* do PHPB – caracterizam-se, em materiais estudados referentes aos séculos XIX, XX e XXI, predominante ou exclusivamente, pela unicidade tópica (cf. OLIVEIRA, 2016; PENHAVEL, 2017; GUERRA, 2019), ao contrário dos editoriais, caracterizados, no mesmo espaço temporal, justamente pela presença de complexidade, ora predominante, ora exclusivamente (além dos resultados aqui expostos, ver, para outros períodos, Penhavel (2017) e Garcia (2018)).⁶

Silva (2011), analisando a história de editoriais, assume que um conjunto de gêneros relacionados entre si – no qual, no século XIX, estariam incluídas cartas de redator – teria evoluído resultando, nos séculos XX e XXI, também num conjunto de gêneros relacionados entre si, no qual se incluiria o editorial. A autora chega a mencionar a hipótese de que editoriais resultariam de cartas de redator. Considerando esse cenário, torna-se significativo olhar para dados como os seguintes: (i) em cartas de redator paulistas distribuídas por todo o século XIX, Penhavel e Zanin (2020) atestam *alta predominância* de *unicidade tópica*; (ii) em editoriais paulistas só da segunda metade do século XIX, por outro lado, Penhavel e Guerra

⁶ A unicidade tópica tende a ocorrer em um texto dedicado a abordar, de modo pontual, não aprofundado, uma única questão. Já a complexidade tende a caracterizar textos destinados a uma abordagem mais detalhada, que contemple diversas questões ou diferentes aspectos de uma questão. A preferência por unicidade e complexidade em cartas de leitor e editoriais, respectivamente, pode estar ligada, dentre outros fatores, a tal distinção.

(2016) constatam *predominância*, mas não exclusividade, de *complexidade intertópica*; (iii) já em editoriais paulistas do século XXI, Garcia (2018) apura *uso exclusivo de complexidade*. Observando esses dados e admitindo um percurso histórico de gêneros no qual cartas de redator estariam relacionadas ao desencadeamento de editoriais atuais, parece-nos pertinente pensar que, nesse percurso, um movimento envolvido seria a tendência *predominância de unicidade > predominância de complexidade > exclusividade de complexidade*.

Admitindo-se um possível movimento desse tipo e também tendo-se em vista que nossos dados incidem sobre a primeira metade do século XX, período intermediário entre os momentos descritos por essas três últimas pesquisas a que aludimos, é possível considerar que nosso resultado sobre a exclusividade de complexidade pode contribuir para se pensar sobre o movimento aventado, bem como para se vislumbrar possíveis primeiros períodos da história do editorial em que já se manifestaria o emprego exclusivo de complexidade intertópica. Como definido acima, o foco do presente artigo não recai sobre a comparação diacrônica, mas o breve olhar aqui esboçado a esse respeito pode contribuir para a reflexão sobre a significância da constatação aqui exposta, bem como para fornecer elementos para comparação diacrônica detalhada em trabalhos futuros.

Constatada a presença de complexidade intertópica no material em análise, o segundo passo do método consiste em descrever as diferentes formas de implementação dessa complexidade e suas tendências percentuais. Para essa descrição, consideramos aqui: (i) os números de SbTs mínimos dos editoriais; (ii) os números de QTs e de níveis de hierarquização tópica; e (iii) as formas de linearização tópica.

O Quadro 1 apresenta nossos resultados sobre o primeiro desses critérios de análise:

Quadro 1: Dados sobre número de SbTs mínimos por editorial.

Quantidade de SbTs mínimos por editorial	Quantitativos percentuais e absolutos de editoriais
03	37,5% (9 de 24 editoriais)
04	50% (12 de 24 editoriais)
05	12,5% (3 de 24 editoriais)

O Quadro 1 mostra que, no material analisado, cada editorial contém três, quatro, ou cinco SbTs mínimos. Pode-se dizer que se trata de uma padronização considerável nesse quesito, sobretudo em comparação a alguns outros materiais que também exibem complexidade intertópica, como é o caso, por exemplo, de um conjunto de artigos de opinião

do século XXI estudados por Hanisch (2019), nos quais a autora identifica desde textos com três até textos com nove SbTs mínimos. A maior padronização dos nossos editoriais torna-se mais saliente principalmente observando-se que quase 90% dos textos concentram-se em apenas duas configurações diferentes (editoriais com três e com quatro SbTs mínimos).

Em (1), segue um editorial como ilustração, no caso, um texto em que reconhecemos quatro SbTs mínimos, e na sequência explicamos esse resultado, a fim de expormos o modo como realizamos nossas análises da organização dos editoriais em SbTs mínimos:

(1)	<i>Assume proporções verdadeiramente alarmantes a quantidade de pernilongos que actualmente infestam a nossa capital. Não ha memoria de uma invasão assim consideravel e assustadora desses insectos, tão perigosos vehiculos e propagadores de enfermidades graves. S. Paulo jamais se conheceu completamente livre desses incommodos hospedes, é bem verdade: mas nunca se registou a sua presença em quantidades tão prodigiosas como agora acontece. Não haverá um habitante desta capital que tenha já ouvido falar, mesmo de quando havia pantanos e brejos dentro do perimetro urbano, de uma invasão igual á desses sanguisedentos mosquitos que actualmente dominam a cidade [...].</i>	1 2 3 4 5 6 7 8
	É um surto de desconhecida intensidade, e cujas consequencias podem não ser tão innocuas como a primeira vista parecerá a uma consideração superficial. Quem pôde garantir que de um momento para o outro uma epidemia não nos assalte, com todo o seu cortejo de horrores , facilitada na sua disseminação por tão innumeraveis agentes contaminadores? O aspecto inedito com que ora se apresenta a invasão dos pernilongos que cobre S. Paulo dá aso a taes apprehensões.	9 10 11 12 13 14
	Entretanto, não sabemos ainda de nenhuma providencia que tenha sido sequer alvitrada para livrar a nossa população paulistana de semelhante ameaça. Ao que nos consta, o Serviço Sanitário do Estado, ao qual naturalmente se voltam todos os espiritos á espera das providencias que está a pedir <i>o caso</i> , attribue-se completa impossibilidade de acção , em vista de dependerem taes providencias da iniciativa dos poderes municipaes e da Repartição de Aguas. Destes ultimos nada sabemos; mas o que se pôde deduzir do silencio em que se mantém a respeito do assumpto , é que muito pouco se estão preocupando com elle [...]. Aos poderes municipaes caberão talvez ainda maiores responsabilidades no caso , pois é facil de ligar <i>a presente invasão de mosquitos</i> á ultima enchente dos rios que atravessam o municipio da capital [...].	15 16 17 18 19 20 21 22 23
	Ora, essas periodicas inundações das nossas varzeas não constituem, por certo, uma fatalidade, ante a qual devam os poderes publicos inclinar-se em musulmana resignação. Ha muito que ha necessidade da rectificação do Tieté , e não é esta folha das que menos se tenham manifestado por essa providencia . O actual prefeito de S. Paulo, igualmente, repetidas vezes tem chamado a atenção dos poderes competentes, para o assumpto , insistindo na urgencia da realização daquelle serviço . Comtudo, ainda nada se fez, e o resultado de tal incuria são as endemias que reinam em S. Paulo, e as demais anomalias , a que periodicamente assistimos, como presentemente a esta invasão de pernilongos . Tudo isso traduz, afinal, o estado de coisas devéras deprimente para uma capital como S. Paulo, que anda assim a pedir méças a qualquer villa rejoy do sertão (<i>O Estado de S. Paulo, 27/04/1923, grifos nossos</i>).	24 25 26 27 28 29 30 31 32 33

Segundo nossa análise, o tópico desse editorial pode ser sintetizado como *Grande invasão de pernilongos na cidade de São Paulo*. Observe-se que é possível identificar, do início ao fim do texto, passagens que remetem diretamente a esse tópico, destacadas em

itálico.⁷ Não só a possibilidade de reconhecimento, em todo o editorial, de referências à grande invasão de pernilongos sustenta considerar essa questão como o tópico global. É também possível notar que todo o texto, de fato, organiza-se em torno desse tema, cada parte desenvolvendo uma temática mais específica a seu respeito, o que o configura como o foco do texto e, ao mesmo tempo, vai instaurando justamente diferentes SbTs. No caso, avaliamos ser possível distinguir quatro especificações tópicas, que corresponderão a quatro SbTs mínimos.

As ll. 1-8 estariam centradas no *caráter alarmante* da invasão de pernilongos – o qual caracteriza o próprio tópico global do texto –, de modo que o tópico desse trecho inicial pode ser entendido como *Proporções alarmantes da invasão de pernilongos*.⁸ Todo o fragmento, como se vê principalmente nos destaques em negrito, é composto por enunciados concernentes entre si e que focalizam essa temática. Ademais, é possível considerar que sua estruturação manifesta a centração em torno dessa temática. Como evidenciado novamente pelas partes negritadas, o excerto inicia-se com um enunciado que expressa a intensidade da infestação, e os enunciados seguintes desenvolvem a questão, particularmente pelo relato da ausência de registro histórico de uma invasão de iguais proporções.⁹

As ll. 9-14 ainda mantêm alusões explícitas à intensidade da invasão, mas agora essas referências estariam envolvidas com o tratamento de outra questão específica. Esse segmento passaria a centrar-se num tópico relativo à *possibilidade de consequências graves*, cogitadas devido à *intensidade* da invasão e também a certo *desconhecimento* a seu respeito, centração que depreendemos sobretudo a partir das passagens em negrito. Tais passagens, distribuídas por todo o segmento, concernentes entre si, contribuiriam para focalizar o referido tópico. Ademais, o segmento todo pode ser interpretado como estando estruturado em torno desse tópico: o primeiro enunciado introduziria a hipótese da possibilidade de consequências graves, e os enunciados seguintes tratariam de sustentá-la, argumentando que a existência de inumeráveis agentes contaminadores poderia facilitar a disseminação de uma epidemia e que o aspecto inédito da invasão daria azo a tal hipótese.

⁷ É verdade que, mais ou menos da metade do texto em diante, as alusões mais diretas a esse tópico não chegam a explicitar, como na primeira metade, a *intensidade* da invasão de pernilongos, prevalecendo, na segunda metade, menções como “o caso”, “o assunto”, “ele”, “a presente invasão de mosquitos”, dentre outras. Porém, entendemos que as referências não explicitamente qualificativas de intensidade, sendo anafóricas, recuperam a noção de intensidade explícita das referências mais iniciais.

⁸ Adotamos aqui as abreviaturas “l.” e “ll.” para a palavra “linha” e seu plural, respectivamente.

⁹ O fato de se tratar do início do texto explicaria uma certa sobreposição entre o tópico do fragmento em questão (ll. 1-8) e o próprio tópico global, captada pela “coincidência” entre as passagens em itálico, representativas do tópico global, e aquelas em negrito, indicativas do tópico mais específico desse trecho inicial. Com efeito, é comum que a parte inicial de um texto esteja centrada na introdução do tópico abordado no texto todo.

Seguindo raciocínios similares, também seria pertinente reconhecer que os segmentos nas ll. 15-23 e 24-33 estariam centrados em especificações da temática que apontamos como tópico global. As ll. 15-23 abordariam o problema da ausência de providências, mesmo diante da gravidade da invasão, e as ll. 24-33 tratariam da necessidade urgente de medidas quanto às inundações dos rios da cidade – também nesses trechos, são negritadas as passagens que mais nos sugerem os tópicos reconhecidos.

Portanto, o editorial em (1) exemplifica um texto em que reconhecemos quatro SbTs mínimos. Como procuramos ilustrar, para apreensão de cada tópico do texto (tanto do tópico global, quanto de SbTs, inclusive de SbTs mínimos), levamos em conta, principalmente, a recorrência, em uma dada parte do texto, de passagens concernentes entre si e focadas num dado tema, bem como a possibilidade de reconhecimento de que tal parte do texto esteja estruturada em função desse tema (a ser o tópico dessa parte do texto).

Integrado à organização do texto em SbTs mínimos, nosso segundo critério de análise da complexidade intertópica trata do número de QTs e do número de níveis de hierarquização tópica dos editoriais. As quantidades de QTs e de níveis são aspectos diretamente relacionados entre si, havendo correlações necessárias entre eles. Ou seja, há certa coincidência entre esses dois aspectos, no sentido de que, em algumas combinações (embora poucas), o resultado de um desses aspectos já pressupõe o resultado do outro.

Essa sobreposição ocorre: (a) na formação de um único QT em um texto, o que envolve necessariamente dois níveis (um ST e dois ou mais SbTs desse ST) e vice-versa, isto é, dois níveis hierárquicos significam necessariamente a formação de apenas um QT; (b) na formação de dois QTs, o que envolve necessariamente três níveis hierárquicos. As situações (a) e (b) podem ser ilustradas pelas Figuras 2 e 3, respectivamente:

Figura 2: Hierarquia em um QT e (necessariamente) dois níveis (e vice-versa).

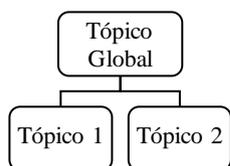
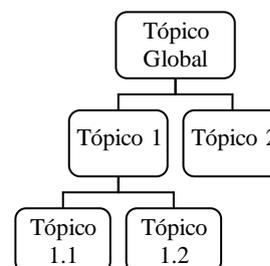


Figura 3: Hierarquia em dois QTs e (necessariamente) três níveis.



Com exceção dessas configurações, em qualquer outra já deixa de existir correlação necessária entre número de QTs e de níveis. Por exemplo, três níveis permitem a formação de

dois QTs (Figura 3 acima) ou mais QTs (Figura 4), a formação de três QTs pode envolver três níveis (Figura 4) ou quatro níveis (Figura 5) e assim por diante:

Figura 4: Hierarquia em três QTs e três níveis.¹⁰

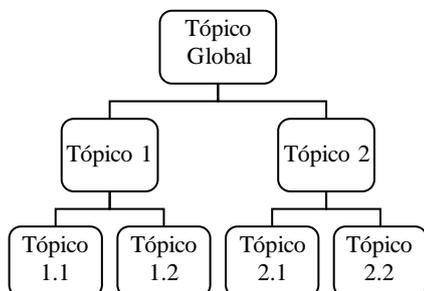
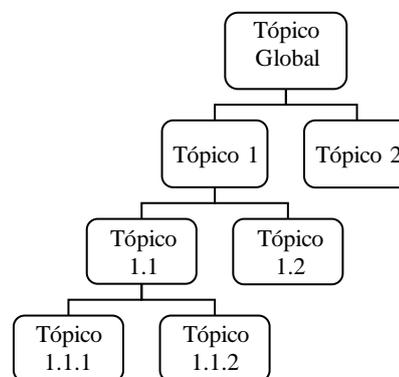


Figura 5: Hierarquia em três QTs e quatro níveis.



Nota-se, pois, que o número de QTs e o de níveis são aspecto interligados, mas são, de fato, elementos diferentes. Pode-se dizer que a sobreposição entre eles ocorre em textos de baixa complexidade hierárquica. À medida que um texto vai aumentando seu grau de hierarquização, os dois aspectos podem ir se diferenciando cada vez mais.

O Quadro 2 abaixo exhibe nossos resultados a respeito desses aspectos:

Quadro 2: Dados sobre números de QTs e de níveis de hierarquização por editorial.

Quantidades de QTs e de níveis por editorial	Quantitativos percentuais e absolutos de editoriais
01 QT, 02 níveis	87,5% (21 de 24 editoriais)
03 QTs, 03 níveis	12,5% (3 de 24 editoriais)

Como se vê, apenas duas configurações foram identificadas: textos com um QT (o que envolve necessariamente dois níveis); textos com três QTs e três níveis (correlação não obrigatória como explicado). Assim, também na instauração de QTs e de níveis de hierarquização, observa-se grande padronização nos editoriais analisados, sobretudo tendo em vista o percentual expressivamente majoritário de uma das duas configurações encontradas.

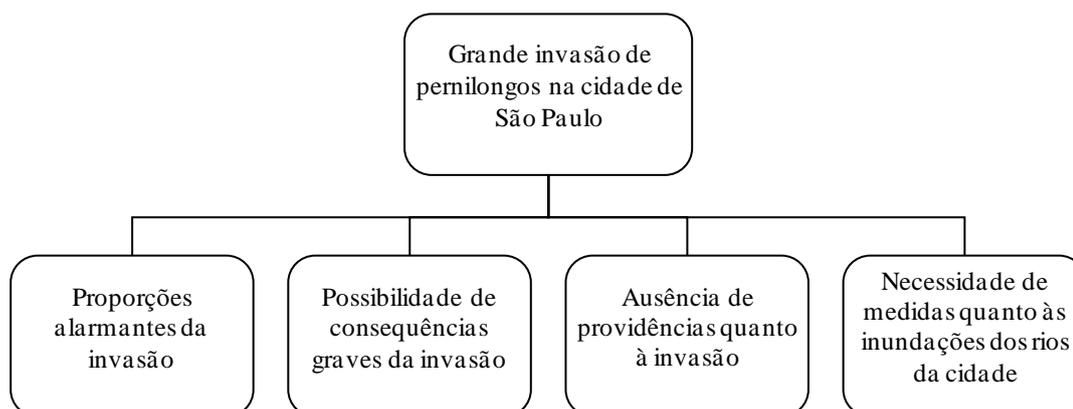
A organização de um texto em um QT constitui a forma mais simples de hierarquização. A alta frequência dessa estrutura indica, pois, o predomínio de baixo grau de hierarquização como traço caracterizador do material em análise. Por outro lado, a instauração

¹⁰ A correlação necessária entre dois QTs e três níveis verifica-se apenas do primeiro desses aspectos para o segundo (mas não vice-versa), isto é, dois QTs implicam três níveis, mas três níveis não implicam dois QTs (pode-se dizer que implicam, *pelo menos*, dois QTs, mas podem envolver mais que dois), como pode ser visto pela comparação entre as Figuras 3 e 4.

de três QTs e três níveis já representa um aumento de complexidade, presente em um percentual baixo na amostra considerada, mas não desprezível. A significância desse grupo de editoriais com maior grau de hierarquização, porém, deve ficar mais nítida em trabalhos que possam vir a dar continuidade a este artigo, pelo cotejo com dados de outras sincrônicas. Tal análise pode demonstrar, por exemplo, se o percentual de editoriais com maior hierarquização aqui atestado seria um dado circunstancial, um traço mais ou menos estabilizado do gênero ou o início de um percurso de aumento progressivo no grau de hierarquização típico do gênero.

Como ilustração das configurações observadas, pode-se considerar o editorial em (1) como representativo de textos com apenas um QT. Os quatro SbTs que reconhecemos seriam especificações diretas já do próprio tópico global, sem um nível intermediário de organização tópica. A hierarquização daquele editorial pode ser representada segundo a Figura 6:

Figura 6: Organização hierárquica de um editorial com um QT (dois níveis).



Já o editorial em (2) organiza-se, segundo nossa análise, em três QTs e três níveis:

- (2) Já passou ao rol das verdades incontestadas, que *a instrução publica BRASILEIRA, no que toca ao estudo das humanidades e das sciencias mais geraes é absolutamente falha*. Qualquer joven, ancioso de saber, mas desambicioso de conquistar um titulo que o habilite ao exercicio de determinada profissão, das chamadas liberaes, *não encontrará NO BRASIL cursos superiores em que forme o seu espirito dentro de moldes mais amplos* do que os em que se enquadram os estudos das nossas escolas superiores [...]. Ao passo que em quasi todas as demais republicas do continente, o que se nota é um recrudescido entusiasmo em prol da cultura, procurando-se a collaboração dos especialistas dos meios europeus onde as sciencias e a philosophia têm alcançado um grau mais avançado, *O BRASIL offerece o triste espectáculo da indiferença em face dos problemas puramente intellectuaes. OS GOVERNOS* que se succedem quatrienalmente na alta administração do paiz *não põem nenhum empenho maior* senão no emprehendimento de obras materiaes e de character immediato. *NENHUM se preocupa com a formação ou conservação de uma elite intellectual*, a que esteja ou venha a ser confiada a tarefa de orientar a vida nacional no que ella tem de menos terra a terra. Interesses de toda sorte e de toda indole solicitam *a atenção DOS NOSSOS ESTADISTAS, menos os que se prendam ás coisas do pensamento*. 1
- Assim, *com o desaparecimento que hão de ir tendo, fatalmente, OS GRANDES ESPIRITOS NACIONAES*, quasi todos legados ao actual pelo antigo regimen, no qual se prezavam a cultura intellectual e moral acima dos demais predicados humanos hoje em apreço, *não se sabe a que* 2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
14

ficará reduzido o povo brasileiro, dentro de mais algumas dezenas de annos, se não a um agglomerado de ganhadores de dinheiro, e gosadores da vida, despidos de toda idealidade e, portanto, aptos a transigir com todos os imperialismos estrangeiros que *AQUI* desejem arvorar bandeira, desde que não tragam grande perturbação ás suas posições economicas. 19 20 21 22

A essa indifferença geral, deu mostras de querer eximir-se O ESTADO DE S. PAULO, quando reformoU, ha quatro annos, a SUA instrucção publica, pondo na lei que autorizou tal medida disposições que habilitavam O GOVERNO a **installar AQUI a Faculdade de Educação. Seria esta o complemento do aparelho instructivo DO ESTADO,** destinando-se a ministrar conhecimentos scientificos em altos cursos professados por especialistas brasileiros, quando os houvesse, ou estrangeiros, para tal e temporariamente contratados. **Estudar-se-iam alli a philosophia, a sociologia, a historia, a psychologia, a philologia, a esthetica, e outras sciencias geraes,** sem applicação immediata de ordem pratica, mas **indispensaveis a formação intellectual** dos jovens que desejassem lograr uma visão mais elevada no conjunto actual dos conhecimentos humanos. **Infelizmente, como que por aberrar um pouco da tendencia geral do paiz, ficou-se S. PAULO naquelle auspicioso impeto inicial,** e as primeiras difficuldades materiaes que se *LHE* depara ram, **abandonoU O GOVERNO a primitiva tenção,** ficando letra morta a autorisação por cuja força devia surgir o bemfazejo instituto. 23 24 25 26 27 28 29 30 31 32 33 34 35

Entretanto, **boa vontade não falta, da parte dos centros que NOS poderiam fornecer os colaboradores indispensaveis á intensificação e elevação DA NOSSA CULTURA.** Quasi de todo desajudados do nosso elemento official, ainda **o anno passado ahi esteve, no Rio, um grupo de professores francezes,** que realisou varios cursos de altos estudos, *não tendo vindo repetil-os EM S. PAULO por mera falta de uma ajuda de custo, que não NOS lembraMOS de lhes offerecer, como seria mais que equitativo.* E **no corrente anno,** segundo hontem informámos em a nossa secção telegraphica, **devem chegar a capital do paiz varios professores illustres da França,** como Lanson, Brumpt, Truchy e Janet, que realisarão cursos interessantissimos, com os quaes só terá a lucrar a formação intellectual das nossas classes estudiosas. **Que desta vez, pelo menos, saiba S. PAULO aproveitar o que se LHE põe assim tão Á MÃO,** convidando a esses professores a vir *aqui* tambem, como seus hospedes, repetir os ensinamentos que derem á mocidade do Rio de Janeiro (*O Estado de S. Paulo, 28/05/1924, grifos nossos*). 36 37 38 39 40 41 42 43 44 45 46

De acordo com nossa leitura, o tópico global desse editorial pode ser denominado de *Falha da instrução pública brasileira na área de humanidades e de ciências mais gerais*, questão introduzida já no primeiro enunciado. A centração nesse tema pode ser atestada pela possibilidade de se identificar o seu tratamento no texto todo, sobretudo pelas passagens em itálico, e pela pertinência de se interpretar que o texto esteja estruturado em torno desse tema, particularmente mediante a instauração de três QTs e três níveis hierárquicos, como mencionado, e de quatro SbTs mínimos.

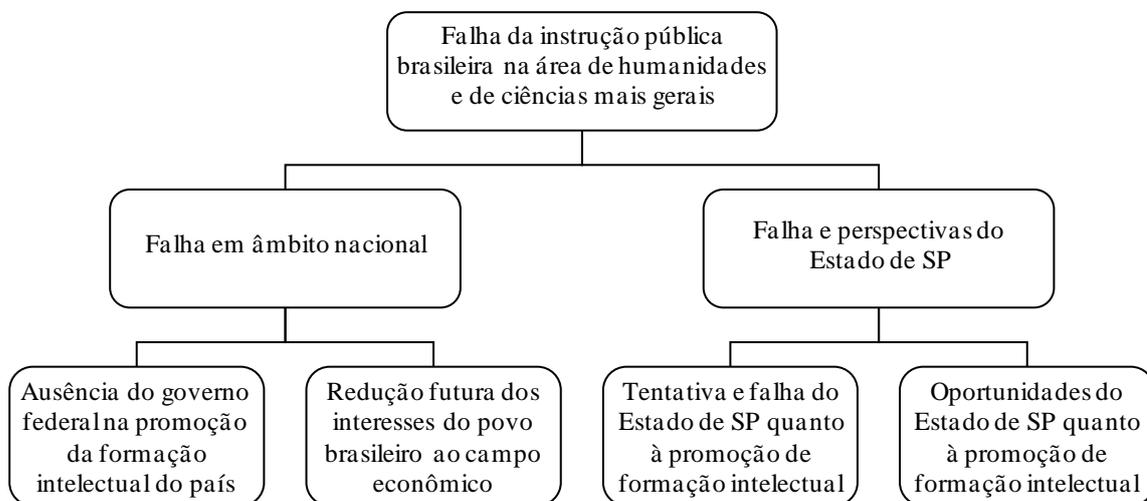
Para depreensão da estrutura tópica desse texto, parece-nos fundamental reconhecer uma distinção entre duas grandes partes, cada uma marcada por uma abordagem particular do tópico global. Até a l. 22, o texto remete à falha da instrução brasileira por meio de uma discussão relativa ao âmbito nacional, o que se nota sobretudo pelas passagens destacadas em caixa alta até esse ponto do texto. Já da l. 23 em diante, a falha da instrução no país é abordada por uma discussão circunscrita ao que se passa sobre o tema no estado de São Paulo, como se vê de forma mais nítida pelas passagens em caixa alta a partir desse ponto do editorial. A distinção entre essas duas partes do texto é, inclusive, bastante explícita, na medida em que, até a l. 22, não é feita nenhuma referência a São Paulo, enquanto, a partir da l. Cadernos da Fucamp, v.19, n.42, p.1-21/2020

23, diversas referências são feitas, por recursos diversos, como o uso dos próprios sintagmas “o Estado de S. Paulo” (l. 23), “São Paulo” (l. 32) e “Estado” (l. 26), o emprego de elipse (“Ø reformou”, l. 23), de pronome (“sua”, l. 23), de advérbio (“aqui”, l. 25) etc.

Em cada uma dessas duas partes, vemos razões para distinguir mais de um SbT, no caso, dois em cada parte, os quais constituiriam os SbTs mínimos do texto. Nas ll. 1-15, o editorial estaria centrado em explicitar a ausência do governo federal na promoção da formação intelectual do país, e, nas ll. 16-22, o foco recairia sobre a consequente redução futura dos interesses do povo brasileiro ao campo econômico. As ll. 23-35 estariam abordando a tentativa e a falha de São Paulo quanto à promoção de formação intelectual, e por fim as ll. 36-46 estariam centradas no tratamento das oportunidades do estado quanto à promoção da formação intelectual. Na transcrição do exemplo, em cada um desses quatro blocos de enunciados, estão destacadas em negrito algumas das passagens que, mais explicitamente, são concernentes entre si e colocam em foco o tópico que reconhecemos para cada bloco.

Em resumo, avaliamos que o tópico global do editorial em (2) estaria desdobrado, num primeiro momento, em dois SbTs (um desenvolvido nas ll. 1-22, outro, nas ll. 23-46), e cada um desses dois abrangeria outros dois SbTs mais específicos, os quais seriam SbTs mínimos. Trata-se, pois, da configuração hierárquica a que aludimos, composta por três níveis (o nível do tópico global, o nível de seus dois SbTs imediatos e o nível dos quatro SbTs mínimos) e três QTs (um QT formado pelo tópico global e seus dois SbTs imediatos e outros dois QTs, cada um formado por um desses SbTs e seus dois respectivos SbTs mínimos). Essa hierarquização pode ser representada na Figura 7:

Figura 7: Organização hierárquica de um editorial com três QTs e três níveis.



Finalmente, nossa descrição intertópica completa-se com o levantamento das formas de linearização empregadas nos editoriais. Como exposto acima, a GTI distingue as seguintes estratégias: (i) continuidade; (ii) descontinuidade, que abrange ruptura, cisão (inserção e alternância) e expansão; (iii) outras formas: transição, superposição e movimento. A esse respeito, nossa pesquisa apurou o uso exclusivo de continuidade tópica no material analisado.

Ambos os editoriais acima ilustram essa estratégia. Por exemplo, em (2), antes de o segundo SbT mínimo começar a ser desenvolvido na l. 16, é plausível reconhecer um sentido de completude e finalização no tratamento do tópico anterior nas ll. 1-15. Esse primeiro segmento inicia-se com a expressão da opinião de que seria uma verdade incontestável que a instrução pública brasileira, na área das humanidades e das ciências mais gerais, seria absolutamente falha (formulação que sintetiza o tópico desse trecho inicial – bem como o tópico global). Na sequência, o trecho lista informações assumidas pelo editorialista como argumentos para essa tese, como o relato de que qualquer jovem não encontraria no Brasil cursos superiores que o pudessem formar em moldes mais amplos do que a formação especializada para as ditas profissões liberais. Tal esquema, organizado mediante a exposição de uma posição seguida de argumentos, permitiria (assim como outras estruturas possíveis) reconhecer um sentido de complementação da abordagem do tópico em pauta.

Naturalmente, a noção de completude não significa esgotamento de toda a discussão que poderia ser elaborada sobre um tópico, mas um efeito de sentido oposto às formas de descontinuidade, como a ruptura, reconhecível, dentre outros casos, quando a abordagem de um tópico “finaliza-se” por um enunciado que seria informacionalmente relevante para o tópico, mas que não é completado; ou quando o desenvolvimento do tópico anuncia o tratamento de um dado número de questões, mas dá lugar a outro tópico após abordar apenas parte dessas questões. É essa a acepção de (in)completude tópica que a GTI prevê na noção de (des)continuidade e que leva ao reconhecimento da continuidade nos editoriais acima, inclusive na transição do primeiro para o segundo SbT mínimo em (2). Nesse caso, aliás, a continuidade é também indicada pelo uso do marcador *assim*, que inicia o segundo SbT mínimo e que explicitaria um sentido de consequência, pelo qual a ausência do governo federal na promoção da formação intelectual do país (primeiro SbT mínimo) acarretaria a redução futura dos interesses do povo brasileiro ao campo econômico (segundo SbT mínimo).

A ocorrência exclusiva da continuidade tópica no material analisado não é um dado surpreendente. As definições dos processos de linearização permitem depreender que grande parte das estratégias diferentes da continuidade, por exemplo, ruptura, alternância, sobreposição, normalmente, tendem a ocorrer em gêneros típicos da oralidade (em particular, Cadernos da Fucamp, v.19, n.42, p.1-21/2020

em gêneros caracterizados por concepção discursiva e meio de produção orais, estilo informal e diálogo entre participantes), como a conversação espontânea. O grau relativamente mais baixo de planejamento desses gêneros e a (quase) simultaneidade entre planejamento e execução textual tenderiam, em geral, a facilitar a emergência de tais estratégias. Já o editorial, sendo um gênero tipicamente escrito (com concepção discursiva e meio de produção escritos, estilo formal, ausência de diálogo etc.) favoreceria a construção de textos marcados por continuidade.¹¹ Tal hipótese estaria assentada na visão do editorial como um gênero fortemente argumentativo, que procura, mediante discussão de ideias, defender um ponto de vista, finalidade para a qual, em geral, a continuidade seria mais produtiva do que um processo como ruptura tópica – para Dell’Isola (2007, *apud* KÖCHE; BOFF; MARINELLO, 2010, p. 59), o editorial “analisa, clarifica, expõe, interpreta e esclarece o que é obscuro”.

Ou seja, nessa perspectiva de análise, a exclusividade da continuidade, em oposição a seu convívio com outras formas de linearização, estaria associada à construção de textos que buscariam maior complexidade e clareza argumentativa. Por outro lado, é também possível associar esse tipo de efeito textual às estratégias de inserção e de movimento de tópico, não integrantes do mecanismo da continuidade. A inserção, na qual um tópico é desenvolvido no decorrer de outro, pode resultar de circunstâncias prototípicas da oralidade, mas certamente pode também integrar um editorial, efetuando uma ressalva argumentativa. O movimento tópico, potencial gerador de QTs, pode ser implementado para recobrir diferentes elementos de uma abordagem mais detalhada de um tópico. Nessa segunda perspectiva, a exclusividade da continuidade no material analisado e a ausência de inserção e movimento tópico podem significar o não uso de formas relativamente mais complexas de linearização tópica.

Assim como acerca dos demais dados acima descritos, a comparação dos nossos resultados com os de outras sincronias será capaz de elucidar o que os nossos achados representam de fato. Garcia (2018) constata, em editoriais atuais, o emprego (embora pouco frequente) justamente das estratégias de inserção e movimento, o que talvez possa representar um passo adiante no grau de complexidade intertópica linear na história dos editoriais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, nosso objetivo foi descrever o processo de organização intertópica em editoriais do jornal *O Estado de S. Paulo* publicados na primeira metade do século XX. Como

¹¹ Sobre as noções de *concepção discursiva e meio de produção* dos gêneros textuais, bem como sobre a relação entre os gêneros e as modalidades falada e escrita da língua, cf. Marcuschi (2008).

procuramos mostrar, o conjunto de editoriais que retratamos caracteriza-se pela complexidade intertópica, pela predominância da construção de textos com quatro SbTs mínimos e um QT e pelo emprego exclusivo da estratégia de continuidade tópica. Nossa expectativa é a de que os dados aqui fornecidos, juntamente com algumas hipóteses de ordem diacrônica que esboçamos, possam contribuir para embasar e fomentar novos trabalhos, tanto voltados para a descrição de outras sincronias, quanto dedicados à comparação entre sincronias.

Com efeito, o campo de estudo sobre a diacronia de processos de construção textual, segundo a perspectiva aqui adotada, prevista para análise de processos conforme concebidos pela GTI, é recente (com os primeiros trabalhos mais importantes datando mais ou menos da última década e formulados como propostas iniciais), sendo um campo amplo e produtivo. Aqui focalizamos um processo particular, um gênero, o português paulista, representado por apenas um jornal, e um recorte sincrônico. Essas delimitações, naturais a qualquer pesquisa, por si sós já apontam para a enorme amplitude potencial da abordagem em questão.

O desenvolvimento de mais estudos, que diversifiquem as descrições dentro dos fatores envolvidos (mediante investigação de diferentes processos, gêneros, variedades do português, sincronias etc.), é certamente relevante. Dentre outros resultados, tal frente de investigação deve propiciar comparações que permitam avaliar a possibilidade de apreensão de generalizações sobre a dinâmica diacrônica dos processos de construção textual no português. Trata-se de um empreendimento com perspectiva de contribuição não só para a descrição da história da língua, seja no âmbito do português brasileiro como um todo, seja na circunscrição de suas variedades, mas também para a teorização sobre processos textuais e para a (re)formulação da abordagem diacrônica desses processos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. M. S. *Projeto de História do Português Paulista*. Relatório Final de Pesquisa apresentado à FAPESP. São Paulo, 2017.

CASTILHO, A. T. (Org.). *História do português brasileiro: o português brasileiro em seu contexto histórico*. São Paulo: Contexto, 2018.

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Tradução de Maria Ermantina Galvão Gomes Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

GARCIA, A. G. *Estudo do processo de organização tópica em editoriais de jornais paulistas do século XXI*. 277f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). UNESP, São José do Rio Preto, 2018.

GOMES, V. S. *Traços de mudanças e permanência em editoriais de jornais pernambucanos: da forma ao sentido*. 313f. Tese (Doutorado em Linguística). UFPE, Recife, 2007.

GUERRA, A. R. Unidades linguístico-textuais e finalidades sociocomunicativas em cartas de leitores de jornais paulistas do século XIX. *VEREDAS – Revista de Estudos Linguísticos*, n. 23, v. 2, p. 106-125, 2019.

HANISCH, C. V. *O processo de organização tópica em artigos de opinião de alunos da Universidade Federal do Acre – Câmpus Floresta*. 467f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos). UNESP, São José do Rio Preto, 2019.

JUBRAN, C. C. A. S. A Perspectiva Textual-Interativa. In: JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. (Orgs.). *Gramática do português culto falado no Brasil*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2006a, p. 27-36.

_____. Tópico Discursivo. In: JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. (Orgs.). *Gramática do português culto falado no Brasil*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2006b, p. 89-132.

_____. Uma gramática textual de orientação interacional. In: CASTILHO, A. T.; MORAIS, M. A. T.; LOPES, R. E. V.; CYRINO, S. M. (Orgs.). *Descrição, história e aquisição do português brasileiro*. Campinas; São Paulo: Pontes; FAPESP, 2007, p. 313-327.

_____. Abordagem diacrônica dos processos constitutivos do texto – Introdução. In: CASTILHO, A. T.; HORA, D. (Orgs.). *História do Português Brasileiro*. João Pessoa: UFPB, 2010, p. 268-273.

JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. (Orgs.). *Gramática do português culto falado no Brasil – v. I: Construção do texto falado*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2006.

KABATEK, J. Tradiciones discursivas y cambio lingüístico. *Lexis: Revista de lingüística y literatura*, v. 29, n. 1, p. 151-177, 2005.

KOCH, I. G. V. *Introdução à Linguística Textual*. São Paulo: Martins Fontes: 2004.

KÖCH, V. S.; BOFF, O. M. B.; MARINELLO, A. F. *Leitura e produção textual: gêneros textuais do argumentar e expor*. Petrópolis: Editora Vozes, 2010.

MARCUSCHI, L. A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

OLIVEIRA, G. A. *Estudo do processo de estruturação interna de segmentos tópicos mínimos em cartas de leitores de jornais paulistas do século XXI*. 194f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). UNESP, São José do Rio Preto, 2016.

PENHAVEL, E. *Marcadores Discursivos e Articulação Tópica*. 168f. Tese (Doutorado em Linguística). UNICAMP, Campinas, 2010.

_____. Processos de construção textual: uma abordagem diacrônica. In: ALMEIDA, M. M. S. *Projeto de História do Português Paulista*. Relatório Final de Pesquisa apresentado à FAPESP. São Paulo, 2017.

_____. GUERRA, A. R. O processo de organização tópica em editoriais oitocentistas do jornal *O Estado de S. Paulo*. *Acta Semiótica et Lingvistica*, v. 21, n. 2, p. 14-28, 2016.

_____. ZANIN, I. Z. A. O processo de organização intratópica em cartas de redator de jornais paulistas do século XIX. *Cadernos da Fucamp*, v. 19, n. 39, p. 78-96, 2020.

PENHAVEL, E.

SILVA, S. S. *O percurso sócio-histórico de uma tradição discursiva: da carta ao editorial*. 274f. Tese (Doutorado em Linguística). UFRJ, Rio de Janeiro, 2011.

ZAVAM, A. S. *Por uma abordagem diacrônica dos gêneros do discurso à luz da concepção de tradição discursiva: um estudo com editoriais de jornal*. 420 f. Tese (Doutorado em Linguística). UFC, Fortaleza, 2009.